

O tempo numa sequência narrativa integrada num texto do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo

Paulo Nunes da Silva
Universidade Aberta / CELGA

«Ignorer la nature de l'énoncé et les particularités de genre qui marquent la variété du discours dans un quelconque domaine de l'étude linguistique mène au formalisme et à l'abstraction, dénature l'historicité d'une étude, affaiblit le lien qui existe entre la langue et la vie.»

Mikhäil Bakhtine, "Les genres du discours", *Esthétique de la création verbale*

«Depois reflecti que todas as coisas sucedem a uma pessoa precisamente agora. Passam séculos e só no presente acontecem os factos.»

Jorge Luis Borges, "O jardim dos caminhos que se bifurcam", *Ficções*

Abstract

This investigation aims at establishing the temporal and aspectual properties of the narrative sequences that occur in texts which belong to a specific discourse genre: the live narration of a sporting event (such as a football game). As prototypical properties, narrative sequences include denotation of events and the temporal relation of precedence. When narrative sequences occur in texts of this particular genre, speakers may choose *presente do indicativo* or *pretérito perfeito simples* as the dominant verbal tense. Evidence points out that, in terms of temporal and aspectual properties, there is an interaction between the narrative sequential prototype and the discourse genre of the text that the analysed sequence is part of.

Keywords: eventualities, temporal relations, verbal tenses, time adverbials, discourse relations

Palavras-chave: eventualidades, relações temporais, tempos verbais, adverbiais temporais, relações discursivas

1. Introdução

Proponho-me expor os resultados da análise de uma sequência narrativa inserida em texto do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo.

O principal objectivo deste estudo consiste em explicitar as propriedades temporais e aspectuais inerentes às sequências textuais de tipo narrativo. Em investigações

anteriores (Silva, 2002, 2005), analisei outras sequências narrativas. A especificidade da sequência narrativa que agora é objecto de análise decorre de ela integrar um texto de um género discursivo que, por definição, representa estados de coisas em curso.

Procurarei dar resposta às seguintes questões:

– há propriedades temporais e aspectuais atestadas nesta sequência narrativa que coincidem com as de outras sequências narrativas anteriormente estudadas e inseridas em textos pertencentes a géneros discursivos diversos?

– se a resposta à primeira questão for afirmativa, pode concluir-se que, quando um locutor escolhe produzir uma sequência narrativa, essa escolha pré-determina a ocorrência, naquela sequência textual, de determinados mecanismos de coesão temporal e aspectual (como o predomínio de um tempo verbal, ou de uma classe de estados de coisas, ou de uma relação temporal entre as eventualidades referidas)?

– por comparação com sequências narrativas inseridas em textos de outros géneros discursivos, poder-se-á concluir que o género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo impõe a ocorrência de mecanismos de expressão do tempo e do aspecto diferentes dos que mais frequentemente são atestados em sequências narrativas integradas em textos de outros géneros discursivos?

Ao longo da investigação, foram adoptadas as propostas de autores como Petitjean (1989) e Adam (1992), que procedem à delimitação teórica entre os conceitos de género discursivo (conjunto aberto de classes de textos de que são exemplo o editorial, a encíclica, o soneto, o decreto-lei, a oração de sapiência, etc.) e de tipo de sequência textual (conjunto fechado de classes de textos que integra, na teorização de Adam (1992), os tipos narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal).

A hipótese de trabalho subjacente a esta investigação é a seguinte: há propriedades temporais e aspectuais típicas das sequências textuais que constituem actualizações do protótipo narrativo.

Deste modo, a análise realizada assenta na premissa segundo a qual, independentemente do género discursivo em que se insere o texto de que cada sequência narrativa faz parte, existem propriedades de natureza temporal e aspectual que se mantêm constantes e que são, por isso mesmo, prototípicas das sequências narrativas.

Concomitantemente parece ser plausível testar a hipótese de alguns mecanismos da expressão do tempo, atestados a nível da superfície textual, poderem diferir por influência do género discursivo em que a sequência narrativa se integra. Tais diferenças, a serem comprovadas, reforçam algumas das reflexões de Bakhtine (1984) – sobre os géneros discursivos e os condicionalismos que eles impõem às produções verbais¹ –, e decorrem de factores como a situação em que emerge a sequência textual, os conteúdos nela referidos, os objectivos que com ela o seu locutor se propõe atingir, enfim, das propriedades, diversas e heterogéneas, que caracterizam cada género discursivo.

A concluir esta secção inicial, refira-se, numa brevíssima nota, que o modelo de análise adoptado neste estudo integra as seguintes propostas teórico-metodológicas:

¹ Segundo Bakhtine (1984: 268), «une conception claire de la nature de l'énoncé en général et des types variés d'énoncés en particulier (premiers et seconds), c'est-à-dire des divers genres du discours, est indispensable à toute étude quelle qu'en puisse être l'orientation spécifique».

- a classificação de sequências textuais de Adam (1992);
- a tipologia de classes aspectuais de Moens (1987);
- a *Teoria da Representação do Discurso* de Kamp e Reyle (1993);
- a *Teoria da Estrutura Retórica* de Mann e Thompson (1987).

2. Apresentação da sequência narrativa analisada

Os textos que se inserem no género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo são produzidos por jornalistas e comentadores desportivos; integram, por isso, o tipo de discurso jornalístico. Estes textos são emitidos através da rádio e da televisão, e os seus destinatários são ouvintes e telespectadores interessados no acontecimento desportivo que é narrado e comentado. Exemplos de eventos desportivos que podem ser objecto de relato são os jogos de futebol e de hóquei em patins (na rádio e na televisão), assim como jogos de basquetebol, de andebol e de voleibol, e ainda provas de atletismo, de natação e de hipismo (sobretudo na televisão), entre outros.

Trata-se, em todos os casos, de textos orais. Os textos deste género discursivo são produzidos com o objectivo de narrar e comentar as incidências do acontecimento desportivo em causa, ou seja, de informar os destinatários acerca do que de mais relevante sucede no referido acontecimento.

Nestes textos, além de sequências de tipo narrativo, há outras, de tipo descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal. As sequências narrativas correspondem à representação dos eventos que se sucedem no jogo. As sequências de outros tipos referem comentários, juízos de valor e esclarecimentos acerca desses acontecimentos, e são da autoria quer do locutor responsável pelo relato, quer de outros jornalistas ou conhecedores do desporto em causa (treinadores, ex-praticantes, árbitros, etc.).

O segmento textual que foi objecto de análise constitui um excerto do relato radiofónico de um jogo de futebol entre as selecções nacionais de Portugal e da Alemanha, e foi produzido por um jornalista desportivo da estação de rádio TSF. Este jogo, a contar para os quartos-de-final do Campeonato da Europa de futebol (organizado pela Suíça e pela Áustria), decorreu no dia 19 de Junho de 2008, em Basileia.

Na sua fronteira inicial, a sequência narrativa é delimitada por uma indicação do tempo de jogo decorrido e do resultado que se observava naquele momento, e na sua fronteira final pela intervenção de um outro comentador, que procede à análise da jogada que deu origem ao golo.

Na apresentação da sequência narrativa, as formas verbais são indicadas a negro, e os advérbios temporais são sublinhados.

Ataca a Alemanha, Friedrich lado direito para Schweinsteiger à entrada da área, corta de cabeça Raul Meireles, fica a bola para Deco, limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger, depois sai a jogar Deco, entrega muito bem para Simão Sabrosa, olha, Portugal em contra-ataque, Simão na abertura no lado esquerdo, Cristiano Ronaldo já deixou para trás um adversário, Cristiano Ronaldo, pode ser o golo, atirou, defendeu Lehmann, a recarga, Nuno Gomes, golo! Nuno Gomes! Golo de Portugal! Marca, Portugal marca em Basileia! O pontapé de Nuno Gomes! Golo de Portugal! Nuno Gomes na recarga a um primeiro remate de Cristiano Ronaldo, defesa de Jans

*Lehmann, na recarga, Nuno Gomes **atirou** para o fundo da baliza germânica, a bola ainda bateu num defesa alemão mas **foi** para as redes da baliza e **está feito** o golo de Portugal.*

Este segmento textual integra as propriedades típicas das narrativas, tal como previsto na teorização de Adam (1992): unidade temática, personagens que protagonizam uma intriga, relações de causalidade entre algumas eventualidades referidas e alterações atestáveis entre a situação inicial e a situação final. A conjugação destas propriedades consubstancia um processo, ou seja, uma acção que forma um todo, com princípio, meio e fim.

Além disso, a sequência textual é susceptível de ser segmentada em unidades funcionais menores – as macroproposições, que constituem fases da estrutura prototípica de cada sequência narrativa. Nesta sequência, são identificáveis as macroproposições tipicamente narrativas assinaladas por Adam (1992).

O quadro seguinte explicita uma proposta de segmentação possível.

Situação inicial (Pn1)	Alemanha está a vencer Portugal por 2-0 <i>(macroproposição não explicitada no discurso)</i>
Complicação (Pn2)	« Ataca a Alemanha, Friedrich lado direito para Schweinsteiger à entrada da área, corta de cabeça Raul Meireles, fica a bola para Deco, limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger.»
Acções (Pn3)	« depois sai a jogar Deco, entrega muito bem para Simão Sabrosa, olha , Portugal em contra-ataque, Simão na abertura no lado esquerdo.»
Resolução (Pn4)	«Cristiano Ronaldo já deixou para trás um adversário, Cristiano Ronaldo, pode ser o golo, atirou, defendeu Lehmann, a recarga, Nuno Gomes, golo! Nuno Gomes! Golo de Portugal!»
Situação final (Pn5)	<i>Alemanha está a vencer Portugal por 2-1</i> <i>(macroproposição não explicitada no discurso)</i>
Resumo (Pn0)	« Marca , Portugal marca em Basileia! O pontapé de Nuno Gomes! Golo de Portugal! Nuno Gomes na recarga a um primeiro remate de Cristiano Ronaldo, defesa de Jans Lehmann, na recarga, Nuno Gomes atirou para o fundo da baliza germânica, a bola <u>ainda</u> bateu num defesa alemão mas foi para as redes da baliza e está feito o golo de Portugal.» ²

Nesta proposta de segmentação da sequência textual nas suas fases constitutivas, duas macroproposições não são explicitadas discursivamente: a Situação inicial (Pn1) e

² A fundamentação da divisão proposta requer um grau de aprofundamento que não é compatível com a dimensão desta comunicação.

a Situação final (Pn5). Uma simetria caracteriza estas duas macroproposições: a comparação entre ambas salienta o que se alterou no decurso das macroproposições em que se desenrola a intriga narrativa (Complicação, Acções e Resolução). No caso da sequência textual analisada, foi alterado o resultado do jogo entre as duas selecções.

Entre as marcas de oralidade que a sequência textual manifesta, destacam-se duas que têm consequências para a análise dos mecanismos de coesão temporal e aspectual nela manifestados:

– algumas construções sintácticas não integram qualquer forma verbal³ (*Simão na abertura no lado esquerdo, a recarga, Nuno Gomes, golo!, o pontapé de Nuno Gomes, defesa de Jens Lehmann*), pelo que não serão consideradas para efeitos de denotarem eventualidades de uma dada classe aspectual;

– o enunciado *olha* constitui um acto ilocutório directivo, cujo objectivo é incitar os interlocutores a prestarem mais atenção porque se está a produzir uma jogada importante que pode resultar em golo para Portugal⁴.

A sequência textual analisada é, então, uma sequência oral de tipo narrativo, em que o locutor-jornalista refere eventualidades de um acontecimento desportivo que está a presenciar no momento em que produz o seu discurso. O locutor tem como objectivo representar essas eventualidades discursivamente, no imediato e tão fielmente quanto possível, para que os seus interlocutores (ausentes) sejam informados acerca do que está a suceder.

3. Elementos para a análise da expressão do tempo

Nesta secção, são listados os elementos pertinentes para a análise da expressão do tempo na sequência narrativa seleccionada: tempos verbais, classes aspectuais das eventualidades referidas, adverbiais temporais e relações discursivas.

O quadro que se segue indica o número de formas verbais atestadas na sequência textual e a respectiva taxa de ocorrência em valores percentuais (calculada tendo como universo o número de enunciados que integram formas verbais, ou seja, 17 enunciados).

³ Duas das razões que parecem estar na origem do uso deste tipo de construções sintácticas são as seguintes: quando se dá uma jogada rápida, a elevada velocidade do débito discursivo requer do locutor o uso de construções sintácticas condensadas (é particularmente relevante o exemplo seguinte: *a recarga, Nuno Gomes, golo!*). Além disso, o locutor revela frequentemente uma grande dose de emoção pelo facto de estar a narrar um jogo em que intervém uma selecção de jogadores que representam Portugal, o seu país de origem. O locutor não é, por isso, indiferente ao desenrolar do jogo e ao resultado. Parece plausível supor que essa emoção pode interferir com o seu discurso ao ponto de, em alguns momentos, não serem produzidos enunciados sintacticamente correctos e/ou completos.

⁴ A interpretação mais plausível da construção *olha, Portugal em contra-ataque* é a de que ocorrem sequencialmente dois enunciados: a forma verbal imperativa (*olha*) e uma construção sem forma verbal (*Portugal em contra-ataque*), semelhante às seguintes: *Simão na abertura no lado esquerdo e a recarga, Nuno Gomes, golo!*

Formas verbais	N.º de ocorrências	%
Presente	10	58,8
Pretérito perfeito simples	6	35,3
Imperativo	1	5,9
Total	17	100

Predominam as formas de presente do indicativo, com mais de metade do número de ocorrências⁵. O pretérito perfeito simples é utilizado em mais de um terço das ocorrências. O imperativo ocorre uma única vez.

Neste trabalho, é adoptada uma concepção do momento da enunciação, não como intervalo de tempo indivisível e estritamente pontual, mas como intervalo de tempo divisível, com limites indeterminados e cuja duração coincide, *grosso modo*, com o intervalo de tempo ocupado pela enunciação de um enunciado completo. O intervalo de tempo da enunciação assinala a fronteira entre o passado e o futuro, e está em constante movimento em direcção ao futuro.

As formas verbais de presente do indicativo denotam, em todas as ocorrências, uma relação de sobreposição (parcial, pelo menos) entre o intervalo de tempo ocupado pelas eventualidades e o intervalo de tempo da enunciação. Há, todavia, diferenças inerentes à classe aspectual de cada uma das eventualidades referidas.

Nos casos em que o presente do indicativo comparece em enunciados estativos (como em *está feito o golo de Portugal*), o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade denotada inclui o intervalo de tempo da enunciação. É esse o valor prototípico do presente do indicativo quando integrado em enunciados que denotam situações estativas.

Quando comparece em enunciados que referem processos (como em *ataca a Alemanha*), observa-se a mesma relação de inclusão do intervalo de tempo da enunciação no intervalo de tempo mais extenso ocupado pela eventualidade denotada. Da combinação de processos com este tempo verbal, resulta geralmente a expressão do valor de habitualidade. Na sequência analisada, todavia, o presente do indicativo assinala uma única ocorrência do estado de coisas “a Alemanha atacar”. O valor episódico da eventualidade designada no enunciado *ataca a Alemanha* é explicável pela especificidade do género textual em que a sequência narrativa está integrada: o locutor refere eventualidades que estão a acontecer no intervalo de tempo em que ele as observa e narra, pelo que cada uma dessas eventualidades se dá uma única vez⁶.

⁵ Na sequência narrativa analisada em Silva (2005), o tempo verbal de base é o pretérito perfeito simples, ocorrendo 35 vezes em 65 enunciados, o que perfaz uma taxa de ocorrência de cerca de 53,8 %.

⁶ Por defeito, cada eventualidade é referida uma vez no discurso, se acontece uma única vez na realidade objectiva; é referida duas vezes no discurso, se acontece duas vezes na realidade objectiva; e assim sucessivamente. Todavia, há uma excepção nesta sequência narrativa: os enunciados *marca e Portugal marca em Basileia*, que ocorrem consecutivamente no discurso, referem a mesma eventualidade. Dado que marcar um golo constitui o momento mais importante de um jogo de futebol, essa repetição destaca discursivamente a relevância da eventualidade, para que fique claro para os interlocutores que houve mesmo um golo e que foi Portugal quem marcou. Assim, a redundância reforça a informação que o locutor pretende manifestar.

Nos casos em que comparece em enunciados que denotam culminações (como nos exemplos *corta de cabeça Raul Meireles* e *entrega muito bem para Simão Sabrosa*), o presente do indicativo também assinala, nesta sequência textual, uma única ocorrência desses estados de coisas. A combinação de uma culminação com o presente do indicativo exprime, regra geral, um valor de habitualidade. Nesta sequência textual, contudo, a ocorrência do presente do indicativo em enunciados que referem culminações gera um valor episódico, o que se fica a dever às propriedades específicas do género discursivo em que se insere a sequência narrativa analisada. Há uma relação temporal de inclusão: no caso das culminações, é o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade que está incluído no intervalo de tempo da enunciação. Esta relação temporal de inclusão parece constituir, em rigor, uma relação de precedência fraca, tal como foi explicitada em Mateus *et al.* (2003: 131)⁷.

Relativamente ao pretérito perfeito simples, em todos os casos atestados na sequência textual, este tempo verbal localiza as eventualidades denotadas num intervalo de tempo anterior ao momento da enunciação. Todavia, dadas as características do género discursivo do texto em que ocorre, em alguns casos, há um período de tempo mínimo entre o intervalo de tempo em que a eventualidade se deu e o intervalo de tempo da enunciação. É o que se verifica nos enunciados seguintes, inseridos na macroproposição correspondente à Resolução: *atirou e defendeu Lehmann*. Também no caso da comparência deste tempo verbal em enunciados que denotam culminações, parece ser plausível aplicar o conceito de precedência fraca: o intervalo de tempo ocupado pela culminação denotada num enunciado com forma verbal de pretérito perfeito simples precede fracamente o intervalo de tempo da enunciação.

Quanto à forma de imperativo, o enunciado em que ocorre concretiza um acto ilocutório directivo, com o qual o locutor pretende captar uma maior dose de atenção do interlocutor para o que se está a passar naquele momento (*Portugal em contra-ataque*).

O quadro seguinte assinala as classes aspectuais das eventualidades denotadas nos enunciados. Nele, apenas são classificados (e numerados) os estados de coisas referidos por enunciados que integram formas verbais. Esta opção decorre do objecto de estudo da presente investigação: analisar a expressão de valores temporais e aspectuais⁸.

⁷ «Uma das relações fundamentais entre intervalos é de precedência fraca, simbolizada por “ \leq ”, da qual duas outras se podem derivar, a de sobreposição, simbolizada por “O” e a de precedência estrita, simbolizada por “ $<$ ”. Um intervalo I precede fracamente outro, I' ($I \leq I'$), quando há algum ponto de I que precede ou é igual a algum ponto I'». A citação diz respeito à relação temporal entre intervalos de tempo ocupados por duas eventualidades denotadas em exemplos como *A Maria adormeceu enquanto ouvia música*. Mas o mesmo raciocínio é válido para a relação temporal entre o intervalo de tempo da enunciação e o intervalo de tempo de uma eventualidade referida no discurso.

⁸ Um enunciado como *corte de cabeça de Raul Meireles* (sem forma verbal), que pode ser utilizado para denotar a mesma eventualidade que o enunciado *corta de cabeça Raul Meireles* (com forma verbal), é susceptível de ser inserido na classe das culminações? Teoricamente, é possível produzir o relato completo de um acontecimento desportivo em directo sem recurso a enunciados com forma verbal. A reflexão sobre o facto de os enunciados sem forma verbal (alguns, pelo menos) serem ou não denotadores de eventualidades, e de, em caso afirmativo, essas eventualidades serem integradas numa dada classe aspectual transcende, todavia, o âmbito da presente investigação.

	Classe aspectual	Enunciado
1	Processo	Ataca a Alemanha, Friedrich lado direito para Schweinsteiger à entrada da área,
2	Culminação	corta de cabeça Raul Meireles,
3	Culminação	fica a bola para Deco,
4	Culminação	limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger,
5	Culminação	depois sai a jogar Deco,
6	Culminação	entrega muito bem para Simão Sabrosa,
7	Processo	olha , Portugal em contra-ataque, Simão na abertura no lado esquerdo,
8	Culminação	Cristiano Ronaldo já deixou para trás um adversário, Cristiano Ronaldo,
9	Estado lexical	pode ser o golo,
10	Culminação	atirou ,
11	Culminação	defendeu Lehmann a recarga, Nuno Gomes, golo! Nuno Gomes! Golo de Portugal!
12	Culminação	Marca ,
13	Culminação	Portugal marca em Basileia! O pontapé de Nuno Gomes! Golo de Portugal! Nuno Gomes na recarga a um primeiro remate de Cristiano Ronaldo, defesa de Jans Lehmann,
14	Culminação	na recarga, Nuno Gomes atirou para o fundo da baliza germânica
15	Culminação	a bola ainda bateu num defesa alemão
16	Culminação	mas foi para as redes da baliza
17	Estado consequente	e está feito o golo de Portugal.

Na sequência em análise, são atestadas 13 culminações em 17 enunciados considerados, o que corresponde a mais de três quartos das ocorrências. São também atestados 2 processos e 2 estados (1 estado lexical e 1 estado consequente, que encerra a sequência narrativa). São estes os valores sistematizados no quadro seguinte.

Classes aspectuais	N.º de ocorrências	%
Culminações	13	76,4
Processos	2	11,8
Estados	2	11,8
Total	17	100

Predominam as culminações, estados de coisas que se caracterizam por serem pontuais e téticos. Dos 17 enunciados considerados, em 15 são denotados eventos

(culminações e processos) e apenas em 2 são referidos estados. Estes valores aproximam-se dos que foram apurados na análise de outras sequências narrativas⁹.

Veja-se agora o número de advérbios temporais que ocorrem nesta sequência.

Advérbios temporais	N.º de ocorrências
<i>Depois</i>	1
<i>Já</i>	1
<i>Ainda</i>	1
Total	3

Considerando unicamente os enunciados que integram formas verbais, ocorrem 3 advérbios temporais em 17 enunciados, o que perfaz uma taxa de ocorrência de 17,7 %. Este valor aproxima-se dos valores médios tipicamente atestados noutras sequências narrativas já analisadas¹⁰.

Por fim, são apresentados os dados sobre as relações discursivas inferíveis na sequência analisada. Cada enunciado é identificado com recurso ao número com que foi assinalado no quadro relativo à classe aspectual em que se insere.

Relação discursiva	Núcleo	Satélite
NARRAÇÃO	(1)	(2)
	(3)	(4)
	(4)	(5)
	(5)	(6)
	(9) – (11)	(12) – (13)
	(10)	(11)
	(15)	(16)
RESULTADO	(2)	(3)
	(12) – (13), (14) – (16)	(17)
ELABORAÇÃO	(9)	(10) – (11)
	(9) – (13)	(14) – (17)
	(14)	(15) – (16)

Predominam relações discursivas que revelam a existência de progressão temporal entre as eventualidades denotadas: as relações de *NARRAÇÃO* (7 vezes) e de *RESULTADO* (3 vezes). A relação de *ELABORAÇÃO* é inferível 3 vezes. Quer o

⁹ Em Silva (2005), a sequência narrativa analisada denota 85,7 % de situações eventivas (60 eventos em 70 eventualidades) e 14,3 % de situações estativas (10 estados em 70 eventualidades). Em Silva (2002), uma outra sequência narrativa regista valores diferentes mas que atestam o predomínio claro de situações eventivas neste tipo de sequências: 69,6 % de eventos (16 em 23 enunciados) e 30,4 % de estados (7 em 23 enunciados).

¹⁰ Na sequência narrativa analisada em Silva (2002), ocorrem 4 advérbios temporais em 23 enunciados, o que perfaz uma taxa de ocorrência de aproximadamente 17,4 %. Na sequência narrativa analisada em Silva (2005), ocorrem 17 advérbios temporais em 65 enunciados (taxa de ocorrência de cerca de 26,2 %).

predomínio destas três relações discursivas na organização textual, quer os valores relativos atestados, são semelhantes aos que foram apurados em sequências narrativas anteriormente analisadas¹¹.

4. O tempo na sequência narrativa analisada

Nesta secção, é explicitada a localização temporal de cada uma das eventualidades referidas na sequência narrativa, assim como as relações de ordem temporal entre elas. São considerados unicamente os enunciados que integram uma forma verbal. Utilizaremos as seguintes notações propostas por Kamp e Reyle (1993): *TPpt* para designar o ponto de perspectiva temporal; *Rpt* para referir o ponto de referência; *n* para denotar o intervalo de tempo da enunciação; *s* e *e* para referir eventualidades estativas e eventivas, respectivamente.

O enunciado *ataca a Alemanha* inclui uma forma verbal de presente do indicativo e denota um processo. Verifica-se uma relação temporal de sobreposição parcial entre o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade e o intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n* e *e* inclui *n*.

O enunciado *corta de cabeça Raul Meireles* integra também uma forma verbal de presente do indicativo e designa uma culminação. O intervalo de tempo que a culminação ocupa está incluído no intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* corresponde a *n*, que inclui *e*. Esta eventualidade marca a fronteira temporal final do processo designado em *ataca a Alemanha*. Existe uma relação discursiva de *NARRAÇÃO*¹² entre as eventualidades descritas em *ataca a Alemanha* e em *corta de cabeça Raul Meireles*.

O enunciado *fica a bola para Deco* refere uma culminação e inclui, igualmente, uma forma verbal de presente do indicativo. Também neste caso se observa uma relação de inclusão entre o intervalo de tempo ocupado pela culminação e o intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n*, que inclui *e*. O estado de coisas situa-se num intervalo de tempo posterior ao intervalo em que se insere a culminação denotada pelo enunciado *corta de cabeça Raul Meireles*. Entre os enunciados *corta de cabeça Raul Meireles* e *fica a bola para Deco* observa-se a relação discursiva de *RESULTADO*¹³.

O enunciado seguinte (*limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger*) refere uma culminação e integra uma forma verbal de presente do indicativo. Observa-se novamente a relação de inclusão entre o intervalo de tempo ocupado pela culminação e o intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* corresponde a *n*, o qual inclui *e*. O intervalo de tempo ocupado por esta culminação é posterior ao intervalo de tempo em que se insere a culminação designada pelo enunciado anterior (*fica a bola para Deco*). Entre os dois enunciados, observa-se a relação discursiva de *NARRAÇÃO*.

¹¹ Na sequência narrativa analisada em Silva (2005), num conjunto de 65 enunciados, a relação discursiva de *NARRAÇÃO* é inferível 11 vezes, a de *RESULTADO*, 8 vezes, e a de *ELABORAÇÃO*, 6 vezes.

¹² A relação discursiva (ou relação retórica) de *NARRAÇÃO* consiste na relação de significado entre dois segmentos textuais em que a eventualidade (ou eventualidades) referida no satélite é posterior à eventualidade denotada no núcleo, mas não existe entre elas uma relação de causa-efeito.

¹³ A relação discursiva de *RESULTADO* consiste numa relação de significado entre dois enunciados que decorre de a eventualidade referida no núcleo (que surge em primeiro lugar no discurso) constituir a causa da eventualidade denotada no satélite (que, no discurso, surge após o núcleo).

O enunciado *depois sai a jogar Deco* inclui uma perífrase verbal no presente do indicativo e um adverbial temporal, e denota uma culminação. Também neste caso o intervalo de tempo ocupado pela culminação está incluído no intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n*, que inclui *e*. A eventualidade localiza-se num intervalo de tempo posterior à culminação denotada em *limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger*. Entre elas, existe a relação discursiva de *NARRAÇÃO*.

A relação de posterioridade é marcada pelo adverbial temporal *depois*, que situa o estado de coisas referido no enunciado em que ocorre, nomeadamente a nível da ordenação temporal que se estabelece entre as duas eventualidades. O adverbial *depois* procede a uma localização relativa a um ponto de referência: o intervalo de tempo em que ocorre a culminação referida pelo enunciado *limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger*. *Depois* assinala que o intervalo de tempo ocupado pela culminação referida no enunciado em que ocorre (*depois sai a jogar Deco*) é posterior ao intervalo de tempo em que se insere a eventualidade referida no enunciado anterior (*limpa muito bem ali a jogada sobre Schweinsteiger*). O adverbial *depois* não explicita, portanto, uma informação exacta sobre o período de tempo que decorre entre esse ponto de referência e a eventualidade que ele localiza. Todavia, tendo em consideração o género discursivo do texto em que o adverbial é utilizado, infere-se que há contiguidade temporal entre os intervalos de tempo ocupados pelas duas eventualidades.

O enunciado *entrega muito bem para Simão Sabrosa* inclui uma forma verbal de presente do indicativo e refere uma culminação. Observa-se, uma vez mais, a relação de inclusão temporal entre o intervalo ocupado pela culminação e o intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* corresponde a *n*, que inclui *e*. Esta culminação localiza-se num intervalo de tempo posterior ao intervalo ocupado pela culminação denotada em *depois sai a jogar Deco*, existindo entre elas uma relação discursiva de *NARRAÇÃO*.

Nos seis primeiros enunciados analisados, destacam-se as ideias seguintes:

- ocorrem unicamente formas verbais de presente do indicativo;
- as eventualidades denotadas são de tipo eventivo: 5 culminações e 1 processo;
- observa-se, entre cada par de eventualidades referidas no discurso de forma consecutiva, uma relação temporal de sequencialidade: a primeira eventualidade referida ocupa um intervalo de tempo anterior ao intervalo em que se insere a eventualidade denotada a seguir; em cada par de eventualidades consecutivas, o estado de coisas referido em primeiro lugar serve de *Rpt* ao estado de coisas denotado a seguir;
- a ordenação das eventualidades no discurso corresponde à ordem pela qual essas eventualidades ocorreram na realidade que é objecto da narração.

O enunciado *olha*, com forma verbal no imperativo, concretiza um acto ilocutório directivo: o locutor alerta os seus ouvintes para o facto de estar a decorrer uma jogada que pode ser concluída com um golo e, por isso, os ouvintes deverão prestar mais atenção à fase narrativa que se segue. Este enunciado situa-se, portanto, num plano distinto dos restantes enunciados, uma vez que não representa uma eventualidade que está a acontecer no jogo de futebol (ou seja, não constitui, como os restantes enunciados desta sequência textual, um acto ilocutório representativo).

O enunciado *Cristiano Ronaldo já deixou para trás um adversário* integra uma forma verbal de pretérito perfeito simples e designa uma culminação. O estado de coisas é localizado num intervalo de tempo anterior ao intervalo de tempo da enunciação: *TPpt*

coincide com *n*, e *e* é anterior a *n*. Sublinhe-se, contudo, que o género discursivo do texto em que o enunciado ocorre permite inferir que, entre os dois intervalos de tempo (o da eventualidade e o da enunciação), existe uma relação de precedência fraca.

Neste enunciado, o adverbial temporal *já* precede a forma verbal de pretérito perfeito simples. O seu valor nesta ocorrência é de natureza aspectual¹⁴. Ao combinar-se com uma eventualidade télica, o adverbial focaliza o estado subsequente ao ponto de culminação desse estado de coisas (ou seja, “um adversário foi deixado para trás por Cristiano Ronaldo”). *Já* salienta o estado consequente da eventualidade denotada no enunciado em que ocorre, mas não dá qualquer indicação acerca do intervalo de tempo que decorreu entre o início do estado subsequente à culminação e o intervalo de tempo da enunciação. O género discursivo força a interpretação de que há contiguidade entre o intervalo ocupado pela eventualidade e o intervalo de tempo da enunciação.

O enunciado *pode ser o golo* denota um estado lexical e inclui uma forma verbal de presente do indicativo. Esta eventualidade ocupa um intervalo de tempo que se sobre põe ao intervalo de tempo da enunciação e prolonga-se para além dele: *TPpt* corresponde a *n*, e *s* inclui *n*. Tratando-se de uma eventualidade durativa, o intervalo em que se insere o estado lexical inclui o intervalo ocupado por cada uma das duas culminações referidas imediatamente a seguir no discurso (*atirou e defendeu Lehmann*).

O enunciado *atirou* denota uma culminação e integra uma forma verbal de pretérito perfeito simples. A eventualidade é situada num intervalo anterior ao intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n*, e *e* é anterior a *n*. É plausível, contudo, a interpretação segundo a qual existe uma relação de precedência fraca entre o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade e o intervalo de tempo da enunciação.

O enunciado *defendeu Lehmann* também refere uma culminação e integra, igualmente, uma forma verbal de pretérito perfeito simples. Este estado de coisas localiza-se num intervalo anterior ao intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* corresponde a *n*, e *e* é anterior a *n*. Também a propósito deste enunciado se pode inferir que há uma relação de precedência fraca entre o intervalo de tempo em que se insere a eventualidade referida e o intervalo de tempo da enunciação. A eventualidade denotada ocupa um intervalo posterior ao intervalo de tempo em que se insere a culminação referida em *atirou*. Deste modo, entre os dois enunciados observa-se a relação discursiva de *NARRAÇÃO*. As duas culminações (denotadas em *atirou* e em *defendeu Lehmann*) ocupam intervalos de tempo incluídos no intervalo de tempo, mais extenso, em que se integra o estado lexical designado pelo enunciado *pode ser o golo*. Existe uma relação discursiva de *ELABORAÇÃO*¹⁵ entre o estado lexical (que constitui o núcleo) e as duas culminações (que configuram o satélite).

Os enunciados *marca* e *Portugal marca em Basileia* denotam a mesma culminação, e integram uma forma verbal no presente do indicativo. O intervalo de tempo que a culminação ocupa está incluído no intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n*, e *e* está incluído em *n*. A eventualidade localiza-se num intervalo

¹⁴ Cf. Lopes (2003).

¹⁵ A relação discursiva de *ELABORAÇÃO* consiste numa relação de significado entre dois segmentos textuais, de tal modo que o satélite veicula informação adicional relativamente a um dado conteúdo (introduzido pelo núcleo), com o objectivo de o explicitar mais detalhadamente.

posterior ao intervalo de tempo ocupado quer pelo estado lexical referido em *pode ser o golo*, quer pelas culminações denotadas em *atirou* e em *defendeu Lehmann*. Observa-se entre eles, por isso, a relação discursiva de *NARRAÇÃO*. Por outro lado, os enunciados *pode ser o golo*, *atirou*, *defendeu Lehmann*, *marca* e *Portugal marca em Basileia* constituem o núcleo de uma relação discursiva de *ELABORAÇÃO*, cujo satélite é constituído pelos quatro últimos enunciados da sequência narrativa.

O enunciado *na recarga, Nuno Gomes atirou para o fundo da baliza germânica*, representa uma culminação e inclui uma forma verbal de pretérito perfeito simples. O intervalo de tempo em que se insere a culminação é anterior ao intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* corresponde a *n*, e *e* é anterior a *n*. Relativamente às culminações denotadas em *marca* e em *Portugal marca em Basileia*, esta eventualidade mantém uma relação de sobreposição temporal.

O enunciado seguinte, *a bola ainda bateu num defesa alemão*, refere uma culminação e inclui uma forma verbal de pretérito perfeito simples. O intervalo de tempo em que se integra a eventualidade é anterior ao intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n*, e *e* é anterior a *n*. Para explicitar o valor do adverbial *ainda*, incluído neste enunciado, é conveniente analisá-lo conjuntamente com o enunciado seguinte e com o conector (de valor adversativo) que o introduz.

Mas foi para as redes da baliza denota uma culminação e integra uma forma verbal de pretérito perfeito simples. O intervalo de tempo ocupado pela eventualidade é anterior ao intervalo de tempo da enunciação: *TPpt* coincide com *n*, e *e* é anterior a *n*. Entre este enunciado e o anterior é inferível a relação discursiva de *NARRAÇÃO*.

O adverbial *ainda* manifesta um valor modal¹⁶ que incide sobre a atitude e a expectativa do locutor perante o facto de a bola, no percurso que efectuou antes de entrar na baliza, ter tocado num jogador alemão. O enunciado em que o adverbial ocorre cria no interlocutor, por activação de uma implicatura, a expectativa de que a bola foi desviada da baliza pelo defesa alemão¹⁷. O conector adversativo *mas* assinala o carácter inesperado do conteúdo do enunciado que introduz, e anula aquela expectativa: apesar de ter batido num defesa alemão, a bola entrou mesmo na baliza.

No eixo cronológico, as duas eventualidades (*a bola ainda bateu num defesa alemão* e *mas foi para as redes da baliza*) sobrepedem-se à culminação denotada em *na recarga, Nuno Gomes atirou para o fundo da baliza germânica*. Observa-se entre estes três enunciados a relação discursiva de *ELABORAÇÃO*: as duas eventualidades (o satélite) constituem informação adicional, especificações relativas à eventualidade referida em *na recarga, Nuno Gomes atirou para o fundo da baliza germânica* (o núcleo)¹⁸.

¹⁶ Cf. Lopes (2000).

¹⁷ Trata-se de um valor modal e não de um valor temporal, o que se comprova recorrendo ao enunciado seguinte: *a bola, antes de entrar na baliza, ainda bateu num defesa alemão*. A compatibilidade com a ocorrência de uma oração temporal infinitiva e o facto de ela se combinar de forma não redundante com o adverbial demonstram que o valor deste adverbial é de natureza modal. Se o adverbial *ainda* manifestasse um valor temporal idêntico ao que a oração infinitiva expressa, então a inclusão da oração temporal seria sentida como redundante.

¹⁸ Esta culminação é concebida como um evento complexo susceptível de ser dividido em várias fases: “Nuno Gomes rematar”, “a bola começar a dirigir-se para a baliza”, “a bola bater num defesa”, “a bola continuar a dirigir-se para a baliza” e “a bola passar a linha de golo”.

Por fim, o enunciado *e está feito o golo de Portugal* inclui uma forma verbal (na voz passiva) de presente do indicativo e refere um estado consequente¹⁹. Esta eventualidade constitui o estado consequente da culminação referida discursivamente pelos enunciados *marca, Portugal marca em Basileia, na recarga, Nuno Gomes atirou para o fundo da baliza germânica e mas [a bola] foi para as redes da baliza*. Observa-se, por isso, a relação discursiva de *RESULTADO* entre estas eventualidades (que configuram o núcleo) e o estado consequente (que constitui o satélite). O intervalo de tempo ocupado por este estado sobrepõe-se ao intervalo de tempo da enunciação, prolongando-se para além dele, ou seja, observa-se uma relação de inclusão temporal: *TPpt* corresponde a *n*, e *n* está incluído em *s*.

5. Conclusões

Eis as principais propriedades temporais e aspectuais da sequência narrativa analisada:

- o tempo verbal de base é o presente do indicativo; os enunciados em que comparece (mesmo quando denotam eventos), manifestam um valor episódico;
- são predominantemente referidos estados de coisas de tipo eventivo (nomeadamente, culminações);
- predomina a relação temporal de sequencialidade entre as eventualidades denotadas;
- a ordenação discursiva das eventualidades reflecte a ordem pela qual elas se deram na realidade que é objecto da narração, observando-se, por isso, isomorfismo entre os planos do discurso e da realidade (excepto na macroproposição do Resumo);
- ocorrem 3 adverbiais temporais;
- predomina a relação discursiva de *NARRAÇÃO* (sendo inferíveis também, em valores relevantes, as relações de *RESULTADO* e de *ELABORAÇÃO*).

São utilizados dois tempos verbais (o presente do indicativo e o pretérito perfeito) que servem, geralmente, para localizar as eventualidades em esferas temporais distintas. Todavia, nesta sequência textual, a ocorrência destes tempos verbais assinala uma relação de precedência fraca entre o intervalo de tempo da enunciação e o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade. Constituem excepção os enunciados com forma verbal de pretérito perfeito simples que integram a macroproposição do Resumo, nos quais este tempo verbal é usado com o seu valor prototípico: denotando anterioridade relativamente a um ponto de referência, que é o intervalo de tempo da enunciação.

A representação discursiva das eventualidades em simultâneo relativamente ao intervalo de tempo em que elas ocorrem na realidade objectiva, mais do que uma característica, é um requisito fundamental deste género discursivo. Nestes textos, não se espera que a referência a um passe de bola seja feita no discurso dez segundos depois de ele ter acontecido no jogo, ou que a marcação de uma grande penalidade seja representada um minuto após ela se ter dado na realidade que é objecto de narração.

¹⁹ Trata-se de uma construção passiva adjectival, focalizando, por isso, o estado consequente inerente à culminação de um evento télico – cf. Mateus *et al.* (2003: 533-535).

Por isso, de um ponto de vista estritamente cronológico, não há diferença entre a localização no eixo temporal das eventualidades denotadas em enunciados com formas verbais de pretérito perfeito simples (como *defendeu Lehmann*) e das eventualidades referidas nos enunciados com formas verbais de presente do indicativo (como *entrega muito bem para Simão Sabrosa*). No âmbito deste género discursivo, quanto à localização estrita no eixo do tempo a que ambas as formas verbais procedem, é indiferente dizer *defendeu Lehmann* ou *defende Lehmann*, tal como é indiferente dizer *entrega muito bem para Simão Sabrosa* ou *entregou muito bem para Simão Sabrosa*²⁰. O uso alternado dos dois tempos verbais não marca, portanto, uma verdadeira oposição entre diferentes localizações das eventualidades no tempo cronológico.

A nível da função de localizar as eventualidades no eixo cronológico, parece neutralizar-se a oposição entre os valores do presente do indicativo e do pretérito perfeito simples. Esta neutralização deve-se à especificidade do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo, nomeadamente ao facto de as sequências narrativas inseridas em textos deste género representarem em simultâneo as eventualidades que estão a dar-se²¹.

Justifica-se, agora, dar resposta às três questões que estiveram na origem desta investigação e que foram explicitadas na secção inicial.

Em resposta à primeira questão, esta sequência narrativa apresenta propriedades que coincidem com as de outras sequências do mesmo tipo já estudadas: nela, predominam as situações eventivas (neste caso, culminações) e a relação temporal de sequencialidade entre esses eventos. Estas duas características foram já apontadas em trabalhos anteriores como sendo prototípicas das sequências narrativas (cf. Silva, 2005; 2008^a; 2008b).

As relações discursivas de *NARRAÇÃO*, de *RESULTADO* e de *ELABORAÇÃO* subjazem à rede de relações de significado que geralmente estruturam as sequências deste tipo. O domínio das relações de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO* evidencia que, no plano do discurso, se reflecte a ordem pela qual as eventualidades se dão na realidade objectiva. Tratando-se de uma sequência narrativa inserida num texto do género discursivo em causa, esse isomorfismo constitui uma propriedade, não apenas relevante, mas típica dos textos deste género.

Também os valores de ocorrência de adverbiais temporais nesta sequência estão em consonância com os valores atestados noutras sequências narrativas, e contrastam com os valores, significativamente mais baixos, apurados em sequências monogeradas de tipo descritivo, explicativo e argumentativo – cf. Silva (2005).

²⁰ O valor terminativo (que, segundo Mateus *et al.* (2003: 156), caracteriza o pretérito perfeito simples e que «marca o momento em que um estado ou em evento terminou») parece ser o valor semântico mais saliente deste tempo verbal na sequência textual analisada (excepto, como já foi referido, no caso dos enunciados com formas verbais de pretérito perfeito simples que ocorrem na macroproposição correspondente ao Resumo).

²¹ Ao contrário do que se verifica em sequências narrativas nas quais as eventualidades representadas no discurso ocupam intervalos de tempo anteriores ao intervalo de tempo da enunciação (e em que o tempo verbal de base é geralmente o pretérito perfeito simples), nas sequências narrativas integradas em textos deste género discursivo, é importante tomar em consideração que o intervalo de tempo da enunciação se desloca constantemente no eixo cronológico em direcção ao futuro.

Em resposta à segunda questão, a análise efectuada reforça a ideia de que há duas propriedades (de natureza temporal e aspectual) prototípicas das sequências narrativas: a representação de eventos e a relação temporal de sequencialidade entre esses eventos. Assim, quando um locutor escolhe produzir uma sequência de tipo narrativo, tal escolha pré-determina que sejam atestadas estas duas características na superfície textual.

Há, todavia, uma propriedade que diferencia esta sequência narrativa de outras já analisadas: o facto de o tempo verbal de base ser o presente do indicativo.

Assim, em resposta à terceira questão, comparando esta sequência narrativa com outras inseridas em textos de outros géneros, conclui-se que o género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo impõe, a nível do tempo verbal de base, um mecanismo específico de expressão do tempo e, por isso mesmo, típico deste género (e de outros que partilhem a propriedade de representar discursivamente, em simultâneo, as eventualidades que se estão a dar): a possibilidade de o locutor optar entre o presente do indicativo e o pretérito perfeito simples como tempo verbal de base.

Em suma: a pré-selecção de uma sequência narrativa determina a ocorrência predominante de estados de coisas eventivos e da relação temporal de sequencialidade entre esses eventos. A escolha do género discursivo relato de acontecimento desportivo em directo estabelece que o locutor pode optar entre dois tempos verbais como tempo verbal de base: o presente do indicativo ou o pretérito perfeito simples (sendo possível a alternância de ambos na mesma sequência narrativa). Em sequências narrativas inseridas em textos de outros géneros discursivos não existe geralmente esta opção, porquanto o tempo verbal de base é, por defeito, o pretérito perfeito simples²².

Parece plausível, portanto, continuar a testar a seguinte hipótese de trabalho: entre o protótipo sequencial (narrativo, descritivo, explicativo, argumentativo e dialogal) e o género discursivo em que se insere o texto produzido, há uma interacção que contribui para determinar a manifestação de algumas propriedades (temporais, aspectuais ou outras) na superfície textual. Recorde-se que, segundo Bakhtine (1984: 284), «le dessein discursif du locuteur [...] s'adapte et s'ajuste au genre choisi, se compose et se développe dans la forme du genre donnée».

Como nota final, refira-se ainda que, ao contrário do que se observa noutras sequências narrativas, não há, na sequência analisada, uma oposição entre eventualidades que se inscrevem na linha narrativa principal e no segundo plano: todas as eventualidades representadas no discurso são projectadas para o primeiro plano. O contraste entre primeiro e segundo plano, tão característico de sequências narrativas inseridas em textos de outros géneros discursivos, não se estabelece nesta sequência narrativa, o que reforça a ideia segundo a qual há uma interacção dinâmica entre o protótipo sequencial que um texto actualiza e o género discursivo em que ele se insere.

²² Concluída esta investigação, justifica-se uma outra que incida em sequências narrativas em que predominam formas verbais de presente do indicativo com o valor de “presente histórico”.

Bibliografia

- Adam, Jean-Michel (1992) *Les textes: types et prototypes* (4.^e éd.). Paris: Éditions Nathan, 2001.
- Bakhtine, Mikhaïl (1984 ¹⁹⁵²⁻¹⁹⁵³) Les genres du discours (trad.). In *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, pp. 263-308.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1995) Para uma análise semântica dos tempos do presente em português. *Cadernos de semântica* 21. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lopes, Ana Cristina Macário (2000) *Ainda*. In Eberhard Gärtner, Christine Hundt & Axel Schönberger (eds.) *Estudos de gramática portuguesa*, vol. III. Frankfurt-am-Main: TFM, pp. 65-87.
- Lopes, Ana Cristina Macário (2003) Elementos para uma análise semântica das construções com *já*. In Ivo Castro & Inês Duarte (org.) *Razões e emoção (Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus)*, vol. I. Lisboa: INCM, pp. 411-428.
- Lopes, Ana Cristina Macário & Felicidade Morais (1999) *Antes e depois: elementos para uma análise semântica e pragmática*. *Revista portuguesa de filologia*, vol. XXIII. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 183-243.
- Mann, William & Sandra Thompson (1987) Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization. In <http://www.sfu.ca/rst/05bibliographies/report.html>.
- Mateus, Maria Helena Mira, et al. (2003), *Gramática da língua portuguesa*, (5.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- Moens, Marc (1987) *Tense, aspect and temporal reference*. Edinburgh: University of Edinburgh.
- Petitjean, André (1989) Les typologies textuelles. *Pratiques* 62, pp. 86-125.
- Silva, Paulo Nunes da (2002) A expressão de valores temporais numa sequência narrativa. *Vidya* 37, pp. 179-195.
- Silva, Paulo Nunes da (2005) *O tempo no texto*. Dissertação de doutoramento, Universidade Aberta.
- Silva, Paulo Nunes da (2008a) O tempo no texto. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 1 (Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 241-254.
- Silva, Paulo Nunes da (2008b) O tempo numa sequência descritiva. *Actas do colóquio "Diálogos com a Lusofonia"*. Varsóvia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, pp. 390-407 (In http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISiI-UW_32_SILVA-Paulo-NUNES-da_O-tempo-numa-sequencia-descritiva.pdf)